


# A EXPANSÃO DO LIVRO E DA LEITURA: TRAVESSIAS ENTRECORTADAS PELA TECNOLOGIA

**Andréia Shirley Taciana de Oliveira\***

 <https://orcid.org/0000-0002-4854-4950>

**Como citar este artigo:** OLIVEIRA, A. S. T. de. A expansão do livro e da leitura: travessias entrecortadas pela tecnologia. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 1-12, set./dez. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO16536

**Submissão:** 29 de setembro de 2023. **Aceite:** 30 de outubro de 2023.

**Resumo:** A noção de livro se expandiu, e, da antiga guerrilha cultural com os meios massivos, como a televisão, a cultura digital promoveu uma adesão mais efetiva das telas como suportes para a escrita e para a leitura. A partir dessas práticas, pode-se afirmar que, de forma não muito pacífica, a literatura admitiu o trânsito entre o verbal e o não verbal, assim como no contexto das poéticas digitais a animação e o sonoro incorporaram-se à linguagem criativa. Nesse sentido, neste artigo, pretende-se discutir as reconfigurações do livro no contexto das transformações das tecnologias de comunicação impulsionadas pelo digital e o impacto das escritas tecnológicas nos processos de leitura, utilizando-se os referenciais teóricos de Michel Melot (2012), Robert Scholes (1989), Roger Chartier (1999, 2004, 2010), Umberto Eco (2005), Alckmar Luiz dos Santos (2003), Katherine Hayles (2009) e Rui Torres (2004). Dessa forma, foi possível discutir alguns pontos acerca do processo de leitura atual, visando contribuir para uma reflexão sobre a leitura no digital, bem como para a problematização do livro nesse contexto.

**Palavras-chave:** Livro. Leitura. Reconfigurações do livro. Processos de leitura. Contexto digital.

\* Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet/MG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: astoliveira@edu.pbh.gov.br

## INTRODUÇÃO

■ **A** tecnologia está presente em quase tudo e, muitas vezes, modifica a nossa forma de viver e de nos comunicarmos uns com os outros. Na esfera da arte e da literatura, a tecnologia há muito vem transformando os instrumentos que influem na nossa percepção de mundo e de nós mesmos. O livro, a leitura, a literatura e a poesia como suportes e dispositivos da comunicação também passaram por diversas transformações. Assim sendo, não podemos fechar os olhos diante das mudanças provocadas pelo advento da tecnologia. É preciso recompor as mensagens, ora fragmentadas, para “retramar” o texto e narrar essa história.

O livro enquanto objeto de inesgotável riqueza mudou muito até chegar a esse modelo atual. Já foi considerado um objeto mítico e raro que detinha os saberes da humanidade. Difundido pelas universidades, passou a ser cultuado como objeto do saber. Parafraseando Michel Melot (2012), assim como o pensamento crítico e dialético, o livro, desde a sua origem, demonstrou as mesmas faculdades de adaptação ao atravessar sistemas contraditórios, ao renascer, de forma vigorosa, no século XVI, ao resistir ao século XVIII, ao sobreviver à perseguição nazista no século XX e também às guerras mais recentes que ocorreram, por exemplo, na Bósnia e no Iraque (em que as bibliotecas nacionais foram destruídas), e ao se expandir por todos os continentes.

Assim como o livro, as representações da leitura são frequentes desde a Antiguidade. Na Idade Média, os manuscritos bíblicos eram representados pelo códice. Prova disso é que, na Anunciação, a Virgem Maria é representada segurando um livro, mesmo que, provavelmente, ela não soubesse ler. O livro era um objeto que demonstrava posse e, por isso, ficava exposto na estante da sala, como os outros utensílios de decoração. Muitas vezes nem era lido. Confidencial e secreto, o livro contém fórmulas e encerra em si mesmo seu princípio ativo: ele revela o que esconde. Possui poderes, e talvez fosse por isso que, na Idade Média, quem o possuísse era considerado portador de poderes sagrados. Como símbolo da ciência e da razão, no Iluminismo, o livro representava o conhecimento e suas páginas carregavam a Verdade que mantinha a tradição.

Atualmente, o livro apresenta-se sob diversas formas e continua contando histórias, apresentando as crenças e divulgando as culturas de diversos povos. Objeto orgânico, perecível, combustível e até mesmo comestível<sup>1</sup>, o livro chega ao computador e passa a “falar” e a ser lido não apenas com os olhos, mas também com os dedos ao ser experimentado e manipulado. Nesse sentido, Michel Melot (2012, p. 177) nos adverte que “as novas práticas da oralidade e do computador, assim como o estudo das civilizações sem escrita, têm abalado a certeza que nos deixara o livro de ser um meio onisciente tanto quanto inocente”. Ou seja, o novo formato do livro abala estruturas, dimensões e paradigmas antes fixados porque, devido às diversas transformações ocorridas, agora também pode ser moldado, esculpido e até executado por meio de *softwares* programados.

1 Em *A reforma da natureza*, Monteiro Lobato (1986, p. 21-23) já havia proposto fazer um livro comestível. Em vez de impressos em papel de madeira, ele faria os livros impressos em um papel fabricado de trigo bem temperado. A tinta não faria mal para o estômago do leitor, que leria o livro e comeria as folhas até o fim da leitura. Mas foi a empresa alemã de *design* Korefe, em parceria com a Gerstenberg Publishing House, especializada em gastronomia, que colocou, de fato, a ideia em prática e fez um livro comestível, o *The real cookbook (O livro de receitas reais)*. Nele, a receita e o respectivo modo de fazer estão impressos nas folhas da massa de lasanha.

Se para Kant (1995, p. 134) o livro era tanto um produto material quanto um discurso, com o advento do livro digital, diversas mudanças ocorreram, fazendo com que a forma e o conteúdo do livro pudessem ser separados. Hoje, todo o processo de produção e edição de um livro é digital. O mesmo programa de computador que produz o livro impresso também faz a sua conversão para o digital. Nessa lógica, foram ressignificadas as qualidades de materialidade, rigidez e unidirecionalidade para o livro impresso e, para o livro digital, as qualidades de imaterialidade, flexibilidade e interatividade. O livro se reinventou e chegou à fase digital, permeado pelas novas tecnologias, técnicas, processos e ferramentas. Logo, “pensar a literatura no século XXI é discutir a apresentação de caminhos renovadores e de novas orientações que se colocam diante das artes” (Silva, 2011, p. 223), bem como as transformações que ocorrem desde a etapa dos processos de criação da obra pelo autor até a recepção do leitor.

O livro passou por diversas metamorfoses. Ganhou diferentes contornos, outros formatos, estruturas e tamanhos. Nesse contexto, nem o livro, tampouco o autor morreram. Ambos continuam contando histórias em espaços cada vez mais interativos, mantendo, atraindo e encantando antigos e novos leitores.

### **UM CONCEITO NO TEMPO: O LIVRO E SUAS METAMORFOSES**

Objeto de inesgotável riqueza, desde os primórdios o livro exerce fascinação nas pessoas ao redor do mundo. Para além dos espaços e dos séculos, velhas e novas linguagens são trazidas por ele. Hoje, há muitos tipos de livros, feitos de diversas formas, tamanhos e materiais: livros-objeto, livros eletrônicos, livros de entrega, livros de correspondência, livros digitais, livros para serem sentidos, consultados, tocados, jogados e apreciados.

Inicialmente confeccionados em folhas de papiro, os livros tinham o formato de rolo. Devido à fragilidade do papiro, às dificuldades de conservação do rolo e ao fato de sua difusão ser difícil e economicamente pouco comercial, surgiu um novo formato de livro: o códice. Feito de pele curtida de animais, o que permitia escrever de ambos os lados da folha, dobrá-la e costurá-la, esse formato contribuiu para o expansionismo cristão e é usado até hoje na produção de livros. Eram escritos à mão, um a um, pelos monges, e cada cópia representava um exemplar único. Destacavam-se pela beleza das iluminuras que ilustravam as folhas da obra.

Por ser folheável, o códice ainda promoveu a possibilidade de individualizar o ato de ler e também trouxe vantagens consideráveis para os leitores, como a economia de espaço, a maleabilidade, a facilidade de organização e arquivamento, a visualização, e o acesso do leitor aos livros de maneira mais rápida e a possibilidade de manipulação e intimidade do leitor com o livro, tais como carregá-lo e fazer anotações e marcações nele sem perturbar a leitura. O livro converteu-se, então, em um objeto intelectual, com o qual se adquiriam prestígio e importância. Logo, a difusão do livro em formato de códice não significou apenas a substituição de uma forma por outra, mas também uma nova ordem de distribuição do texto e da prática da leitura.

Com a disseminação do papel como suporte de escrita, o alemão Johannes Gutenberg difundiu a impressão por tipos móveis. Essa invenção representou uma revolução na história do livro, pois propiciou a reprodução rápida e relati-

vamente mais barata de qualquer obra. Em decorrência disso, o formato do livro impresso se impôs em detrimento do rolo e do códice em pergaminho. Contudo, como salienta Chartier (2010, p. 8-9),

*[...] a invenção da imprensa não modificou as estruturas fundamentais do livro, composto, depois como antes de Gutenberg, por cadernos, folhetos e páginas, reunidos em um mesmo objeto, mas aparece como progresso e decadência do códice manuscrito por ser infinitamente reprodutível e intercambiável.*

Dessa forma, o livro, tal como um dispositivo complexo, tornou-se um estímulo ao conhecimento das letras e à geração de novas informações, configurando-se numa tecnologia revolucionária ao viabilizar maior acesso e disseminação da informação. Com a Revolução Industrial, no século XVIII, os processos foram mecanizados e o trabalho manual nas prensas foi substituído por máquinas que aumentaram o número de edições e as tiragens. Esses acontecimentos prepararam as ferramentas para o empreendimento da informática e determinaram novos paradigmas que marcaram a história do pensamento humano.

O surgimento de recursos de impressão com tecnologia digital, no século XX, ampliou ainda mais a tiragem, a comercialização em larga escala e a difusão das obras, visando atender ao maior número de leitores, inclusive um novo público “naturalmente” conectado às novas mídias. A máquina tornou-se um portador de memória mais complexo que a folha e o pergaminho e menos arcaico que o palimpsesto. O computador passou a acumular as funções de inscrição, codificação, tradução, produção, formalização, arquivamento, impressão e reprodução do processo de criação do livro. E é nesse cenário que surge o livro em formato digital, com suas características diferenciadas de confecção, formatação, formas de consumo, difusão, tamanho, estrutura, desenho, visualização, leitura e armazenamento, o que constitui um avanço na concepção de livro, por promover modificações na forma de recepção do leitor.

Outro aspecto que merece ser destacado é que, entre o rolo e a tela, o modelo de livro que se inscreve atualmente perdeu as características de formato, como de peso e espessura do papel que lhe conferiam enquanto livro, mas ganhou outras possibilidades, como o som e o movimento, além de possibilidade de ser publicado numa ampla variedade de formatos e mídias. Como exemplo, citamos *Poemas de brinquedo* (Garcia, 2016). Imaginado por Álvaro Andrade Garcia, com *design* sonoro de Ricardo Aleixo e projeto visual de Márcio Koprowski, foi produzido no *software* Managana, editado e publicado na versão digital pelo Ateliê Ciclope e no formato impresso pela Editora Peirópolis, em 2016. Esse livro audiovisual e interativo está disponível gratuitamente em formato de aplicativo, em formato impresso em papel para crianças a partir de 4 anos de idade e adultos, e também pode ser acessado no YouTube. Devido aos diversos tipos de formatos, é considerada uma publicação transmídia, conforme conceitua Henry Jenkins (2013, p. 181) em seu livro *Cultura da convergência*. Vejamos a imagem printada de *Poemas de brinquedo* digital:



**Figura 1** – Print da tela inicial de *Poemas de brinquedo* digital

Fonte: <https://www.ciclope.com.br/>. Acesso em: 16 maio 2023.

Vejamos também a imagem de *Poemas de brinquedo* no formato impresso:



**Figura 2** – Capa e contracapa de *Poemas de brinquedo* impresso

Fonte: Garcia (2016).

A partir do exposto, é possível afirmar que as transformações do livro e as mudanças no modo de ler modificaram o contexto literário e o mercado editorial, que passou a produzir livros nos formatos impresso e digital. Desde então, cada segmento tem buscado atrair seus leitores de acordo com as particularidades de cada meio. O impresso, por exemplo, oferece ao leitor a possibilidade do manuseio, do contato e da posse do objeto livro. Já “a literatura eletrônica convida o leitor a entrar em um mundo imaginário de topologias complexas que constantemente se renovam a cada movimento e a cada mudança de orientação espacial” (Hayles, 2009, p. 29). A autora também ressalta que, com seus efeitos intensificados e pelos diversos conhecimentos que mobiliza e pelas conexões que forja, a literatura eletrônica chama a atenção para o processo de criação ao re-

forçar o desenvolvimento do leitor com a narrativa, revalorizando, portanto, o seu papel. Ou seja, o meio digital traz uma proposta de criação e leitura que passa por uma multiplicidade de mídias – elementos visuais, sonoros e textuais – e propõe ao leitor um modo de ler em que ele deve conceber a materialidade da obra, decifrar o objeto para ler, entender o processo que se dispõe diante dele e, em algumas vezes, interagir com a obra.

As obras digitais utilizam tecnologias que contêm som, texto, imagem e vídeo simultaneamente, características que fazem com que o leitor seja mais ativo e fique mais atento para ler, ver, ouvir e até tocar a obra. Logo, pelo fato de a obra digital ser diferente da impressa em diversos aspectos, o leitor atual também tem que fazer várias considerações acerca do que está sendo proposto pelo autor, visto que algumas obras incitam-no a uma relação mais interativa e outras exploram exaustivamente os recursos da máquina computacional, como o movimento e o som.

Mas, seja no impresso ou no digital, é preciso que haja rigor para que a leitura se realize de forma crítica. Nesse sentido, Robert Scholes (1989) postula o rigor como um protocolo de leitura, pois admite estar convencido de que, sem rigor como princípio impulsionador da obra, a leitura não pode ser feita e interpretada criticamente pelo leitor. Scholes ainda complementa que cada leitor deve construir/elaborar os seus protocolos de leitura para fazer as interpretações e as críticas acerca do texto que se está lendo ou que será lido.

Para acrescentar a essa discussão sobre o livro e suas metamorfoses, é importante destacar a premissa do escritor Umberto Eco (2005) de que o livro tem como função ser suporte da leitura, ainda que haja variações. Nesse sentido e de acordo com o conceito de “abertura estética da obra” do autor, um livro se materializa por meio da leitura, na qual os signos se contextualizam, redimensionando, atualizando e possivelmente expandindo a visão de mundo do leitor. Para Eco (2005), toda e qualquer obra aberta é incompleta, está em movimento e pressupõe a colaboração do leitor para dar-lhe sentido. Isso significa que toda e qualquer obra aberta deve ter como proposta um campo de possibilidades interpretativas, de maneira a induzir o leitor a uma série de leituras variáveis e amplas acerca da obra. Esse processo proclama a dissolução das fronteiras entre autor e leitor, posto que torna importantes tanto quem concebe a obra quanto quem a lê. Sendo assim, ao tornar importantes tanto o autor quanto o leitor, Umberto Eco proclama que uma leitura constituirá novas e outras leituras, e essas também estarão abertas e propensas a novas interpretações.

Decerto, a história do livro sofreu e ainda sofrerá mudanças, pois o homem continuará a inventar dispositivos para registrar as criações de sua imaginação e veicular a cultura e as suas transformações. O importante é que, em qualquer formato, o livro não seja apresentado como objeto limítrofe e estático, mas que continue a tecer suas tramas de maneira específica e própria ao autor e à obra, visando atingir o leitor e considerar a relação cognitiva, interpretativa e reflexiva que o ato leitor cria no movimento interativo de produção de sentidos com a própria exterioridade.

Portanto, impressas ou digitais, as versões e suas realidades convivem simultaneamente como opções diferentes e complementares para o leitor, não havendo um parâmetro de que esta ou aquela forma de acesso seja melhor ou pior. Existem facilidades, como também restrições, em ambos os formatos, mas o primordial é o desempenho e a contribuição de cada um deles para o desenvolvimento do conhecimento humano e os modos de leitura.

## DOS PERGAMINHOS ÀS TELAS: AS PRÁTICAS DE LEITURA EM DIFERENTES COMPLEXIDADES

Do latim *legere*, a palavra “leitura” tem muitos significados e é usada para designar várias ações, algumas muito diferentes entre si. A amplitude do significado atribuído ao termo estende-se da leitura de mundo, passando à leitura de diferentes linguagens e chegando à leitura dos textos escritos de diferentes extensões e complexidades. A ampliação do conceito é explicada pelo que perpassa as leituras: a produção de sentido e a interpretação dada pelo sujeito perante o que é dado a ler. *Grosso modo*, leitura é um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais singulares do homem, considerando-se a sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcada no contexto social.

A história das práticas de leitura está intimamente associada à história dos suportes da escrita, que podem ser observados das tabuinhas com escrita cuneiforme da antiga Mesopotâmia até a escrita virtual dos monitores de computador, passando por rolos de papiros, códices, escritos em pedra, escritos em couro, entre outros. Esses suportes determinaram a prática da leitura e contribuíram decisivamente para moldá-la em cada época específica. Por exemplo, nas sociedades antigas, em que a escrita era um privilégio de sacerdotes, escribas e demais pessoas ligadas a funções hierárquicas, a leitura era, por definição, uma prática oral e coletiva. Lia-se em voz alta para uma grande quantidade de pessoas. Não havia pontuação, nem paragrafação. Decoravam-se vários textos literários, como era o caso da educação das crianças em Atenas, que memorizavam e recitavam trechos das epopeias de Homero. Cabe ressaltar que, nesse período, quando a leitura era feita em voz alta por um orador que lia para o coletivo, não era considerado leitor apenas quem lia, mas também quem ouvia (Fischer, 2005).

Com o tempo, a leitura passou a ser feita de forma silenciosa. Segundo Darnton (1991, p. 231-232), “a prática e o hábito da leitura individual e em silêncio podem ter ocorrido em um momento indeterminado, talvez em alguns mosteiros no século sétimo e certamente nas universidades do século treze”. Isso ocorreu, provavelmente, em razão das circunstâncias nas quais estavam inseridos os monges, que tinham por dever a cópia de manuscritos e o ornamento dos códices com iluminuras, e, por isso, necessitavam de um ambiente silencioso que favorecesse a leitura atenta e a precisão para o trabalho. Da mesma forma, nas universidades o silêncio também era necessário para que as leituras fossem realizadas e depois fossem promovidos os debates acerca do que fora lido. Desde então, a prática de leitura silenciosa tornou-se comum, intensificando-se ainda mais após a invenção da imprensa por Gutenberg no século XV.

Foi no século XVIII, com o advento das feiras de livros em várias cidades europeias, que a prática da leitura se tornou um hábito realmente popular e com grande impacto na sociedade. Exemplo disso foi a disseminação dos panfletos políticos e textos iluministas que mobilizaram, em grande parte, os burgueses da França à ação revolucionária de 1789. A leitura individual e silenciosa apartou-se do estigma de ser pecaminosa e pode ser tomada como a responsável pelo desenvolvimento dos gêneros literários modernos, profanos, romanescos, e da

literatura do erotismo, pois a liberdade alcançada com a leitura silenciosa permitia ao leitor fazer escolhas do que ler, tendo apenas o livro por testemunha.

Nos dias atuais, em seus estudos sobre a história da leitura, Roger Chartier reconhece que a relação que temos com a leitura está associada intimamente às construções de hábitos sociais dependentes da tecnologia, como a tela de computador e a internet. Diante dessa cronologia, temos que as diversas transições pelas quais o livro passou nos trouxeram inovações no campo da leitura, entre as quais a passagem da leitura em voz alta para a leitura silenciosa é de grande importância. O livro tornou-se um pedaço de silêncio nas mãos do leitor, e a leitura passou a repousar, silenciosamente, sobre a *performance* da memória.

Ler é também uma experiência pessoal definida pela forma de ser e de se situar no mundo de cada um, sendo essa a condição que definirá o modo como lemos, como nos aponta Chartier (2004, p. 77):

*[...] a leitura é uma dupla apropriação: de um lado, a apropriação designa a efetuação, a atualização das possibilidades semânticas do texto; de outro, ela situa a interpretação do texto como a mediação através da qual o leitor pode operar a compreensão de si e a construção da realidade.*

Dessa maneira, a leitura é um ato de interpretação, submetendo as percepções pessoais a um processo de contextualização crítica do texto, visto que o leitor situado fora do texto, ou do contexto, utiliza seu protocolo pessoal para ler e interpretá-lo, sem deixar de considerar a forma e a formalidade do autor. Ler ainda inclui a observação minuciosa do texto, situá-lo, adquirir conhecimentos sobre ele, referendá-lo em relação aos outros do mesmo gênero, ponderando-o. A leitura literária nos faz viver em vários outros tempos e cria, assim, um tempo imóvel fora do tempo, que nos libera da consciência da finitude. Isso ocorre porque todo texto que nos chega – assim como este – provém de um texto anterior, o que torna o ato de ler uma ação mutável e inacabada de leituras incompletas. Ler, portanto, é abrir caminho através de outros textos lidos a fim de descobrir no texto as suas dimensões e limitações. E quanto mais prazer esse texto nos proporcionar, mais forte será o ganho com a sua leitura, extraindo dela o máximo da experiência de leitura.

Com a introdução de outros suportes para a escrita, como o computador, o *tablet* e o celular, a leitura na tela passou a fazer parte do cotidiano de muitos leitores. Desde então, a leitura digital é feita de maneira individual e silenciosa, em diversas camadas, por diferentes públicos que fruem um texto após decodificarem uma construção de linguagem que alguém fez e interpretarem em cima disso de acordo com seu próprio referencial. Para Alckmar Luiz dos Santos (2003, p. 32), a leitura digital é:

*Uma leitura que se coloca também como gesto e, conseqüentemente, como expressão, empreendida com base na posição singular de um sujeito movente, de posições provisórias – efêmeras, talvez –, mas construindo o possível de um percurso por entre fragmentos e multiplicidades várias. E, no caso, voltamos ao papel das teorias do texto literário na compreensão do ciberespaço. É que, se há texto, se há então leitura desse texto, se há uma posição focal que cria (sempre) regiões de clareza provisória e sombras passageiras nesse espaço de telemática opacidade, é possível propor a esse sujeito leitor um percurso de leitura como*



*marcas e bases de sua identidade, como testemunhos de sua subjetividade. E tal leitura guarda uma especificidade, a de fundar e traçar significações, instalando-se tal qual o equilibrista na solidez precária de uma linha que se apoia no quase nada para apontar, a partir daí, para o muito, para a pluralidade das coisas e dos objetos significantes.*

Cabe destacar que, mesmo que incorpore e recicle os mecanismos de leitura já instituídos, a leitura digital ainda necessita apontar novas formas de significar, ver e memorizar o texto, possibilitando ao leitor interromper, retomar e/ou renunciar a leitura quando quiser, no sentido de demonstrar uma expansão da noção de tempo e de domínio do próprio texto e da ação leitora.

Como nos aponta Rui Torres (2004, p. 105), “são múltiplos os caminhos de leitura”. Cada leitor conta com um labirinto de possibilidades de leitura que existem em estado virtual e estão disponíveis para ele. Ler na internet é percorrer os caminhos transgenéricos e palimpsestuosos da hipertextualidade. A leitura se faz normalmente. A diferença é que, diante de um texto na tela, ou quando o leitor se encontra diante de algum termo que necessita de mais esclarecimentos, ele tem a possibilidade de abrir quantos *links* forem necessários para esclarecer o termo e obter êxito na interpretação do que está lendo.

De *link* a *link*, a leitura digital se faz hipertextualmente, “com a multiplicidade de referências e interferências entre um texto a ler e textos outros que compartilham todos um mesmo campo de leitura” (Santos, 2003, p. 22). O leitor assume a missão de criador de rotas sob o comando “buscar” e “terá que construir sua interpretação a partir dos fragmentos que lhe são dados ao longo do texto” (Santos, 2003, p. 32). É importante mencionar que o autor supracitado entende por fragmentos, além dos textos dispostos nos *links*, as imagens, os ícones, os movimentos e processos interativos, os deslocamentos e cortes, os acréscimos e as multiplicações, a compulsão dos significados e a contenção dos sentidos dispostos na página. Assim sendo, a leitura digital é uma leitura em movimento, feita a partir de fragmentos contidos no texto principal e nos comentários contidos nos *links*, podendo o leitor fazer várias e múltiplas leituras, bem como estabelecer as relações e as sequências de leitura que quiser, segundo suas necessidades informativas, além de apreender e expandir o seu protocolo pessoal de leitura ao interpretá-lo.

Toda leitura faz o livro renovar-se de uma forma diferente, assim como, a cada leitura de uma mesma obra, o leitor a faz de forma diferente. Como objeto mediador da ação leitora, o livro excede a dimensão demarcada pela materialidade impressa, podendo-se afirmar que, “desde a passagem do rolo ao códex, foram criadas, afirmadas ou impostas novas maneiras de ler que ainda não foi possível caracterizar totalmente, mas que, sem a menor dúvida, implicam práticas de leitura sem precedentes” (Chartier, 1999, p. 32). Essas inovações influem no âmbito da leitura feita em meio digital, em que ler requer do leitor um outro olhar, atento ao signo verbal tanto quanto aos signos não verbais. A leitura digital, marcada por interrupções, fracionamento, superficialidade e desconcentração, é o novo modo de ler. Nesse contexto, espera-se que o dinamismo e a complexidade característicos da leitura digital produzam diversas e diferentes obras. Afinal, quem lê, escreve e lê.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto livro passou por uma grande transformação na transição entre o rolo e o códice, e agora enfrenta mais mudanças na convivência entre o formato impresso e o formato digital.

A história do livro está atrelada à história da leitura. E, assim como o conceito de livro, a concepção e a forma de ler e escrever também mudaram. A leitura silenciosa existia desde a Idade Média, mas foi com o códice, cujo formato permitia a articulação das partes sem perder a noção do todo e, conseqüentemente, a apropriação privativa e a sua prática, que ela se desenvolveu e ampliou seu espaço, distanciando, desde então, a língua falada da língua escrita. A leitura, que antes era feita de forma oral e coletivamente, tornou-se individual e foi aos poucos dando lugar à visão, à ausência do locutor e ao isolamento e à independência do leitor. A leitura silenciosa podia ser feita no tempo escolhido por ele para se dedicar à apropriação do texto e ao sentido que determinou a sua escrita, possibilitando-lhe articular os conhecimentos adquiridos em outras leituras para construir um novo percurso escrito e inscrito nas linhas que se estão a percorrer, decifrando, decifrando-se, numa fonte de conhecimento de si próprio e do mundo.

Partindo das conquistas medievais da leitura silenciosa e visual, perpassando pelo furor de ler, propor, confrontar e argumentar ideias e opiniões que transformaram o leitor no indivíduo crítico no Século das Luzes, chegamos aos dias atuais, em que a leitura conquista os meios populares, as mulheres e as crianças, dentro ou fora da escola, tornando-se um exercício reflexivo e comum na navegação pelos hipertextos. Permeados de nós, os textos tornaram-se documentos compostos com a presença de elementos diversos das mídias que trazem informações contidas nos fluxos imagéticos que se constituem no aplicativo e nas suas relações com o público.

No entanto, embora as práticas de composição continuem a evoluir em um ritmo acelerado, no meio eletrônico a leitura pode modificar e variar conforme o ritmo e a velocidade de navegação de cada leitor. Podemos afirmar que os diferentes paradigmas de leitura continuam confluindo e o que hoje poderíamos chamar de leitura eletrônica ainda se desenvolve, mesmo parcialmente, segundo hábitos e preceitos aprendidos e apreendidos com as práticas trazidas do meio impresso. A diferença está no deslocamento do leitor de *link* a *link*, visto que a leitura no meio eletrônico remete constantemente ao processo de avançar, retornar e retomar seguidas vezes, embrenhando-se nas entrelinhas dos significantes verbais e nos espaços que as linguagens de programação deixam (propositadamente ou não) no texto.

Após algumas discussões realizadas ao longo deste artigo sobre a expansão do livro e da leitura, é possível afirmar que o livro e os processos de escrita e leitura sofreram alterações e passaram por reconfigurações, inclusive para se adequarem aos leitores atuais, embrenhados na hipertextualidade das telas. Novos e velhos protocolos de leitura foram recriados para que o leitor continue praticando leituras críticas e abstraia delas o máximo de conhecimento possível e desejado. Também os processos criativos das obras mudaram e muitos autores têm buscado renová-las para manter e atrair novos leitores.

Ler, nesse contexto tecnológico, significa mais que traduzir as percepções do mundo que o texto literário nos oferece. Significa também apreender as linguagens

dessa escrita signífica instaurada pelo digital, por meio do qual o leitor intui o mundo proporcionado pelo autor. É uma leitura a contrapelo das línguas e a fruir no fluxo das linguagens.

#### **THE EXPANSION OF THE BOOK AND READING: CROSSINGS INTERCUT BY TECHNOLOGY**

**Abstract:** The notion of a book has expanded and, from the old cultural guerrilla war with mass media such as television, digital culture has promoted a more effective adherence to screens as supports for writing and reading. From these practices, it can be said that, in a not very peaceful way, literature admitted the transition between the verbal and the non-verbal, as well as in the context of digital poetics, animation and sound that are also incorporated into creative language. In this sense, this article intends to discuss the reconfigurations of the book in the context of transformations in communication technologies driven by the digital and the impact of technological writings on reading processes, using theoretical references by Michel Melot (2012), Robert Scholes (1989), Roger Chartier (1999, 2004, 2010), Umberto Eco (2005), Alckmar Luiz dos Santos (2003), Katherine Hayles (2009), and Rui Torres (2004). In this way, it was possible to discuss some points of the current reading process, aiming at the contribution to a reflection on digital reading, as well as to problematize the book in this context.

**Keywords:** Book. Reading. Reconfiguration of the book. Reading processes. Digital context.

#### **REFERÊNCIAS**

- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 2004.
- CHARTIER, R. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, P. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- ECO, U. *Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FISCHER, S. R. *História da leitura*. Tradução Claudia Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- GARCIA, Á. A. *Poemas de brinquedo*. São Paulo: Peirópolis; Nova Lima: Ciclope, 2016.
- HAYLES, N. K. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. Tradução Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global; Passo Fundo: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2013.

- KANT, E. *Qu'est-ce qu'un livre?* Tradução Jocelyn Benoist. Paris: Quadrige, PUF, 1995.
- LOBATO, M. *A reforma da natureza*. São Paulo: Globo, 1986.
- MELOT, M. *Livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- SANTOS, A. L. dos. *Leituras de nós: ciberespaço e literatura*. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.
- SCHOLES, R. *Protocolos de leitura*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- SILVA, R. B. da. Da página à tela: reconfigurações da poesia no ambiente digital. In: SILVA, J. A. C. da; MARTINS, J. C. de O.; GONÇALVES, M. *Pensar a literatura no séc. XXI*. Braga: Aletheia, 2011. p. 223-232.
- TORRES, R. Poesia em meio digital: algumas observações. In: GOUVEIA, L. B.; GAIO, S. (org.). *Sociedade da Informação: balanço e implicações*. Porto: Editora UFP, 2004. p. 321-328.